



CARTA-MANIFESTO À MÁQUINA DO MUNDO

Rosirene Campêlo dos Santos¹.

Goiânia, 27 de novembro de 2025.

Cara Máquina do Mundo,

Depois de muito pensar para iniciar a presente escrita, resolvi escrever para você. E por quê? Porque, nestes últimos tempos, venho percebendo o forte impacto que vem assolando a vida, o bem viver, as relações, os afetos, o encantar e sobreviver nesta selva de pedra em que se transformou o mundo. Poderia ficar aqui, refletindo, lamentando e enumerando as inúmeras tragédias que os noticiários fazem questão de enfatizar, na sagaz sina que insiste em apresentar o caos, o caótico, o grotesco, o infame, as injustiças sociais, a falta de caráter e postura dos políticos e a maldade que envolve e seduz os “seres humanos”.

Porém, quero ir no sentido contrário deste fluxo enlouquecido e enlouquecedor, quero falar de algo que me aquece o coração, que alimenta minha alma e pulsa no fluxo da alegria, das cores, do fazer coletivo, do dançar, tocar e cantar, até mesmo quando a voz for embargada pela emoção. Irei, aqui, escrever sobre os atravessamentos que por longo tempo não tive acesso, ou foram apresentados a partir de um outro lugar de fala, este eurocentrado, hegemônico, machista, classista e racista. Quero falar das performances e poéticas afrodiaspóricas como um ato de resistência e resistir frente aos ditames que você, corriqueiramente, nos impôs. Que

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes, Culturas e Tecnologias pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação da Profa. Dra. Renata Kabilaewatala. Artista, Dançarina e docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Coordenadora do Projeto de Extensão: Entre Danças e Diásporas. Integrante do Núcleo de Pesquisa e Investigações Cênicas Coletivo 22 (NUPICC). Mestre pela UNB, Especialista em Pedagogias da Dança, CEAFI/PUC. Coordenadora Pedagógica e Intérprete-Criadora do Grupo de Dança Diversus (GDD). rosirene.santos@ueg.br



insiste em solapar nossos sonhos, nos obrigando a seguir um ritmo de vida frenético, que gera adormecimentos, distanciamentos e nos tira de nossas raízes em busca de ideais que nos fragmentam, nos deprimem e tiram o sentido do bem viver.

Como argumenta Djamila Ribeiro (2019) no livro *Lugar de fala*, quero trazer minhas inquietações como pesquisadora, docente, mulher negra, artista e mãe. Diante dos conhecimentos tratados e minuciosamente escolhidos para estarem nas instituições educacionais, da educação básica até o ensino superior, observo que tais escolhas continuam ancoradas em epistemologias hegemônicas, que silenciam e marginalizam outras, não sendo dado o direito de fala e voz aos grupos subalternizados. Nas palavras da autora:

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. A questão é que essas condições sociais dificultam a visibilidade e a legitimidade dessas produções. Uma simples pergunta que nos ajuda a refletir é: quantas autoras e autores negros o leitor e a leitora, que cursaram a faculdade, leram ou tiveram acesso durante o período da graduação? Quantas professoras ou professores negros tiveram? Quantos jornalistas negros, de ambos os sexos, existem nas principais redações do país, ou até mesmo nas mídias ditas alternativas? (Ribeiro, 2019, p. 43).

As questões postas pela autora apenas representam uma pequena parte das inúmeras outras que vivemos no nosso país em que as experiências e modos de vida das populações afro-brasileiras e indígenas enfrentam, onde somos constantemente silenciados e invisibilizados, independentemente do lugar onde estivermos, sejam eles as instituições formais, informais ou religiosas. Um claro exemplo se deu quando, em uma festa de Congada, o padre, ao ouvir um simples toque da caixa/tambores, imediatamente solicita seu silenciamento com um argumento banal e uma forma velada de deixar claro o seu descontentamento com o som que representa e anuncia um ato de resistir e insistir em ocupar aquele espaço, naquela igreja.



A título de esclarecimento, cara Máquina do Mundo,

As congadas ou congados são manifestações festivas que na atualidade ocorrem em diversas localidades do Brasil, sobretudo nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Por meio das performances de seus participantes, observa-se a manifestação de significados, sentidos e memórias da cultura negra que são expressos na oralidade, nos ritos, nos gestos, nas danças, nos cantos, na execução de instrumentos musicais e no uso de objetos sagrados (Carvalho; Rios, 2023, p. 2).

Nesse sentido, ter ido na contramão das suas imposições foi ter a oportunidade de estar em um outro tempo-lugar de vivenciar um tempo festivo que por si só nos redimensiona para um outro tempo-espço, sendo esse de celebração, comunhão, alegrias, de pertencimento, do fazer coletivo e partilhar dos diferentes afazeres, mas que também convoca e celebra a ancestralidade. Isso porque, entre os vários elementos que compõem o ritual da manifestação afro-brasileira das congadas, estão as coroações do rei, rainha, príncipe e princesa, que buscam tratar e trazer a memória histórica do Reinado Congo e as coroações dos reis negros que aconteciam no Brasil colonial.

Sim, Máquina do Mundo! As performances afrodiaspóricas das congadas da Vila João Vaz da cidade de Goiânia e de Catalão foram um desses momentos que me permitiu ser afetada por uma manifestação cheia de cores, memórias, representações, sentidos e significados multifacetados. Para os participantes dessa manifestação, os objetos, vestimentas, instrumentos, cantos e danças compõem um todo diverso e plural. Já para as pessoas que acompanham a realização das performances e os cortejos das congadas nem sempre os sentidos e significados chegam da mesma forma e intensidade dos que ali estão à frente dessa manifestação.

A mim chegaram como um transbordamento, uma explosão de muitas caixas/tambores tocando ao mesmo tempo, fazendo pulsar e estremecer cada canto daquela igreja. E foi naquele instante que compreendi que o ato de entrar e sair da igreja faz parte do ritual. Compreendi que tocar, cantar e dançar faziam todo o sentido porque se constituem de uma forma organizada de não se deixar silenciar e garantir seu lugar de fala por meio do som, do movimento e da voz. Como afirma Zumthor (2018, p.21), “[...] a performance é o único modo



vivo de comunicação poética”. Isso porque a manifestação poética faz pulsar os sentidos, aguça as percepções e emoções dos diferentes atores sociais envolvidos na performance. No cortejo da Congada, isso se evidencia de forma tenaz, uma vez que a performance se materializa por meio da presença, gesto, corpo, voz e da relação com o público que acompanha.

Então, neste caminho por compreender melhor essa manifestação, fui pela primeira vez conhecer a Festa da Congada na cidade de Catalão. E, mais uma vez, foi o som das caixas/tambores que direcionou meu caminhar porque, apesar de perguntar para uns e outros sobre o cortejo, na igreja ninguém soube me informar, porém, o som dos tambores não hesitou em me conduzir. Para Martins (2003, p. 72), “A linguagem dos tambores, investida de um *ethos* divino, agencia os cantares e a dança e, de forma oracular, prenuncia uma subversão da ordem social, das hierarquias escravistas e dos saberes hegemônicos”. Os tambores, dentro das culturas afro-brasileiras, carregam elementos do sagrado, que anunciam, denunciam e rompem as hierarquias impostas pelo sistema hegemônico, colonial, escravocrata e capitalista.

Quero dizer a você, Máquina do Mundo, que, por mais que seu grupo tente nos sucumbir, nos escravizar e nos invisibilizar, nos manteremos resistentes às opressões sofridas. Para nós, afrodescendentes, a memória, a musicalidade, as danças, os saberes ancestrais têm uma relação direta com quem nós somos.

Quis trazer aqui a minha experiência da festa da Congada porque os tambores são a voz que ecoa um grito de liberdade, que faz estremecer as estruturas e as condições de crueldade impostas a nós ao longo dos tempos e que ainda hoje insistem em nos calar. Os tempos festivos têm o poder de subverter a ordem estabelecida e de instaurar uma nova ordem social, em que os negros são os protagonistas da cena, coroando-se reis, rainhas e príncipes no reinado tecido por cores vibrantes, danças, alegrias, sons, fartura, lutas, devoção e fé.

Sim, Máquina do Mundo! Existem outras possibilidades de viver, distintas das que são impostas por vossa excelência. E como é bom saber que os currículos educacionais, em algumas instituições, estão atentos a outras epistemologias, que são plurais, decoloniais e antirracistas. Ainda somos poucos e tenho de confessar esse meu lamento, pois, no giro decolonial, cada vez



mais sua espiral consegue alargar e impactar mais docentes comprometidos com uma educação igualitária, crítica e emancipatória.

Acredito que o acesso às diferentes formas de conhecimento, saberes, tornando-os acessíveis, é uma maneira eficaz de diminuir as desigualdades. Como afirma Martins (2003, p. 74):

No âmbito da performance dos Congados, por exemplo, em seu aparato - cantos, danças, figurinos, adereços, objetos cerimoniais, cenários, cortejos e festejos-, e em sua cosmovisão filosófica e religiosa, reorganizam-se os repertórios textuais, históricos, sensoriais, orgânicos e conceituais da longínqua África, as partituras dos seus saberes e conhecimentos, o corpo alterno das identidades recriadas, as lembranças e as reminiscências, o *corpus*, enfim, da memória que cliva e atravessa os vazios e hiatos resultantes das diásporas.

Nessa perspectiva, é possível redimensionar a prática pedagógica via performances e poéticas afrodiaspóricas das Congadas e de tantas outras que coexistem no Brasil. Os saberes e conhecimentos advindos dessas performances estão carregados de historicidade que transcendem uma mera e corriqueira manifestação cultural, visto que ela reorganiza e traz muitas possibilidades de diálogos como, por exemplo, os saberes ancestrais, as identidades negras criadas no Brasil a partir da diáspora e de encontros com outros povos, as lembranças e memórias da África, os repertórios diversos que foram e são passados pela tradição e oralidade. Nesses, é estabelecido o trânsito entre o passado e o presente que coabitam um futuro de resistência e luta.

Sendo assim, me despeço de você por meio deste poema:

Fogo!... Queimaram Palmares,

Nasceu Canudos.

Fogo!... Queimaram Canudos,

Nasceu Caldeirões.

Fogo!... Queimaram Caldeirões,



Nasceu Pau de Colher.

Fogo!... Queimaram Pau de Colher...

E nasceram, e nasceram tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando.

Porque mesmo que queimem a escrita,

Não queimarão a oralidade.

Mesmo que queimem os símbolos,

Não queimarão os significados.

Mesmo queimando o nosso povo

Não queimarão a ancestralidade.

Antônio Bispo dos Santos

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Cleber de Sousa; RIOS, Sebastião. Insignias de poder na Congada: o uso de objetos sagrados na evocação de memórias negras. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**. Porto Alegre, v. 13, n. 4, e129593, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-2660129593vs01>.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura**: corpo, lugar da memória. **Letras**, Santa Maria, RS, v. 26, p. 63–81, 2003. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148511881>

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília, DF: INCTI, 2015.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.